

CAPÍTULO II

Teriam gostado de ser ricos. Acreditavam que teriam sabido sê-lo. Teriam sabido vestir-se, olhar, sorrir como os ricos. Teriam tido o tacto, a discrição necessários. Teriam esquecido a sua riqueza, teriam sabido não a exhibir. Não se gabariam dela. Tê-la-iam respirado. Os seus prazeres teriam sido intensos. Teriam gostado de caminhar, passear, escolher, apreciar. Teriam adorado viver. A sua vida teria sido uma arte de viver.

Essas coisas não são fáceis; pelo contrário. Para este jovem casal, que não era rico, mas que desejava sê-lo, simplesmente porque não era pobre, não havia situação mais desconfortável. Tinham apenas o que mereciam ter. Precisamente quando já sonhavam com espaço, com luz e com silêncio, eram remetidos para a realidade, nem sequer sinistra, mas simplesmente mesquinha — o que talvez fosse pior —, do seu alojamento exíguo, das refeições quotidianas, das férias mediócras. Era a que correspondia à sua situação económica, à sua posição social. Era a realidade deles, e não tinham outra. Mas, ao seu lado, à sua volta, ao longo das ruas por onde não podiam deixar de caminhar, havia as ofertas falaciosas, e no entanto tão calorosas, dos antiquários, dos merceeiros, dos donos das papelerias. Do Palais-Royal a Saint-Germain, do Champ-de-Mars à Étoile, do Luxembourg a Montparnasse, da île Saint-Louis ao Marais, do bairro de Ternes à Ópera, da Madeleine ao parc Monceau, Paris inteira era uma tentação perpétua. Ansiavam render-se-lhe, com embriaguez, de imediato e para sempre. Mas o horizonte dos seus desejos estava impiedosamente

bloqueado; os seus grandes devaneios impossíveis só pertenciam ao reino da utopia.

Viviam num apartamento minúsculo e encantador, de tecto baixo, que dava para um jardim. E, recordando a sua *chambre de bonne*² — um corredor sombrio e acanhado, sobreaquecido, com odores persistentes —, ao princípio viveram nele numa espécie de êxtase, renovado todas as manhãs pelo chilrear dos passarinhos. Abriam as janelas e, durante longos minutos, perfeitamente felizes, contemplavam o pátio. A casa era velha, ainda não propriamente em ruínas, mas vetusta, repleta de fendas. Os corredores e as escadas eram estreitos e sujos, a resumir humidade, impregnados de fumos gordurosos. Mas entre duas grandes árvores e cinco jardinzinhos minúsculos, de formas irregulares, a maioria ao abandono, mas abundantes em relva esparsa, flores em vasos, arbustos e até estátuas singelas, corria uma álea de grandes paralelepípedos irregulares, que conferia ao conjunto um ar campestre. Era um dos raros lugares de Paris onde podia acontecer, em certos dias de Outono, depois da chuva, ascender do solo um odor, quase intenso, a floresta, a húmus, a folhas putrefactas.

Nunca esses encantos os cansaram, e permaneceram-lhes sempre tão espontaneamente sensíveis como nos primeiros dias; porém, ao fim de alguns meses de uma alegria demasiado despreocupada, tornou-se evidente que eles não bastariam para lhes fazer esquecer os defeitos da casa. Habitados a viver em quartos insalubres aonde só iam dormir, e a passar os dias em cafés, só ao fim de muito tempo se deram conta de que as funções mais banais da vida de todos os dias — dormir, comer,

² «Quarto de criada» muito comum nas águas-furtadas dos prédios antigos de Paris. (N.T.)

ler, conversar, lavar-se — exigiam, cada uma delas, um espaço específico, cuja manifesta ausência começava a fazer-se sentir. Consolaram-se o melhor que puderam, congratulando-se com a excelência do bairro, a proximidade da rue Mouffetard e do Jardin des Plantes, o sossego da rua, a originalidade dos seus tectos baixos e o esplendor das árvores e do pátio em todas as estações; mas, no interior, tudo começava a cair sob o amontoado de objectos, de móveis, de livros, de pratos, de papelada, de garrafas vazias. Principiava uma guerra de desgaste de que nunca saíam vencedores.

Com uma área total de trinta e cinco metros quadrados, dimensões que eles nunca se atreveram a verificar, o apartamento era constituído por uma entrada minúscula, uma cozinha exígua, metade da qual fora convertida em casa de banho, um quarto com dimensões modestas, uma divisão de usos múltiplos — biblioteca, sala de estar ou de trabalho, quarto de hóspedes — e um espaço mal definido, a meio caminho entre o cubículo e o corredor, onde se tinha conseguido instalar um frigorífico pequeno, um esquentador eléctrico, um roupeiro improvisado, uma mesa, onde tomavam as refeições, e uma arca para roupa suja que lhes servia igualmente de banco.

Havia dias em que a falta de espaço se tornava tirânica. Sufocavam. Mas, por muito que fizessem recuar os limites das duas divisões, que deitassem abaixo as paredes, que inventassem corredores, armários embutidos, espaços livres, que imaginassem roupeiros-modelo, que anexassem em sonhos os apartamentos vizinhos, acabavam sempre por se ver naquilo que era o seu destino, o seu único destino: trinta e cinco metros quadrados.

Sem dúvida, teria sido possível fazer algumas melhorias bem pensadas: eliminar um tabique, libertando assim um grande recanto mal aproveitado, substituir um móvel demasiado

volumoso, instalar armários de parede. E sem dúvida que, se a decapassem e a pintassem, se a arranjassem com amor, a casa teria ficado seguramente encantadora, com a sua janela de cortinas vermelhas, a sua janela de cortinas verdes, a grande mesa de carvalho, um pouco desconjuntada, comprada no *marché aux Puces* — a feira de velharias —, que ocupava todo o comprimento de um painel de parede, sob a belíssima reprodução de um portulano; com uma pequena escrivaninha de persiana Segundo Império, de mogno com incrustações de filetes de cobre — de que já faltavam vários — a separar em dois o espaço de trabalho, para Sylvie à esquerda e para Jérôme à direita, cada um deles marcado pela mesma pasta de mata-borrão vermelha, um mesmo tijolo de vidro, um mesmo copo de lápis; com o seu velho boião de vidro com engastes de estanho, que fora convertido em candeeiro; com o seu decalitro para grãos, de madeira folheada e reforçada a metal, que servia de cesto dos papéis; com as suas duas poltronas desirmadas, as suas cadeiras de palhinha, o seu banco de ordenha. E desse conjunto arranjado e limpo, engenhoso, ter-se-ia despreendido um calor afectuoso, um ambiente simpático de trabalho, de vida comum.

Mas a simples perspectiva de obras os assustava: seria preciso contrair empréstimos, poupar, investir. Não se resignavam a fazê-lo. Não estavam prontos para isso: só pensavam em termos de tudo ou nada. A estante seria de carvalho claro ou não existiria. Não existia. Os livros estavam empilhados em duas prateleiras de madeira suja e, em duas filas, em armários de parede que nunca deviam ter sido destinados para isso. Durante três anos, uma tomada permaneceu defeituosa, à espera de que se decidissem a chamar um electricista, enquanto por quase todas as paredes corriam fios toscamente ligados

e extensões feias. Precisaram de seis meses para substituir um cordão de cortinado. E a mais pequena falha na arrumação quotidiana traduzia-se, em vinte e quatro horas, numa desordem que a presença benfazeja das árvores e dos jardins tão próximos tornava ainda mais insuportável.

O provisório e o *statu quo* reinavam como senhores absolutos. Já só esperavam um milagre. Teriam chamado os arquitectos, os empreiteiros, os pedreiros, os canalizadores, os estofadores, os pintores. Teriam feito um cruzeiro e, no regresso, teriam encontrado um apartamento transformado, arranjado, renovado, um apartamento-modelo, maravilhosamente aumentado, cheio de pormenores à medida deles, tabiques amovíveis, portas deslizantes, um sistema de aquecimento eficaz e discreto, uma instalação eléctrica invisível, um mobiliário de boa qualidade.

Mas entre estes devaneios demasiado grandiosos, aos quais se abandonavam com uma estranha satisfação, e a completa ausência de acções reais, não se vinha inserir nenhum projecto racional que conciliasse as necessidades objectivas e as suas possibilidades financeiras. A imensidade dos seus desejos paralisava-os.

Esta falta de simplicidade, quase de lucidez, era característica. E sem dúvida o mais grave era o terrível constrangimento que sentiam. Não um constrangimento material, objectivo, mas a falta de uma certa desenvoltura, de uma certa descontração. Tinham tendência para estar excitados, crispados, ávidos, quase invejosos. O seu amor pelo bem-estar, pelo máximo bem-estar, traduzia-se na maior parte das vezes por um proselitismo estúpido: então discorriam longamente, com os amigos, acerca da criatividade de um cachimbo ou de uma mesa baixa,

como se fossem objectos de arte, peças de museu. Entusiasmavam-se com uma mala — aquelas malas minúsculas, extraordinariamente finas, de couro preto um pouco granuloso, que se vêem na montra das lojas da Madeleine, e que parecem concentrar nelas todos os imaginários prazeres das escapadelas a Nova Iorque ou a Londres. Atravessavam Paris para ir ver uma poltrona que lhes tinham dito ser perfeita. E inclusive, conhecedores dos clássicos, hesitavam por vezes em envergar um traje novo, pois para eles era importante, para a excelência do seu porte, que ele tivesse sido usado já por três vezes. Mas os gestos, um pouco sacralizados, que faziam para mostrar entusiasmo diante da montra de um alfaiate, de uma modista ou de uma sapataria, só conseguiam, na maior parte dos casos, torná-los um pouco ridículos.

Talvez estivessem demasiado marcados pelo passado (e não apenas eles, aliás, mas os amigos, os colegas, as pessoas da sua idade, o mundo no qual se encontravam mergulhados). Talvez tivessem sido logo demasiado vorazes: queriam andar depressa demais. Teria sido preciso que o mundo e as coisas de todas as épocas lhes pertencessem e que eles tivessem imprimido nelas os sinais dessa posse. Mas estavam condenados à conquista: podiam ficar cada vez mais ricos; não podiam fazer que sempre o tivessem sido. Teriam gostado de viver no conforto, no meio da beleza. Mas as suas exclamações de admiração, o seu deslumbramento, eram a prova mais evidente de que não era assim que viviam. Faltava-lhes a tradição — porventura no sentido mais desprezível do termo —, a evidência, o verdadeiro deleite, implícito e imanente, o deleite que é acompanhado por uma felicidade do corpo, ao passo que o deles era um prazer cerebral. Demasiadas vezes, do que eles verdadeiramente gostavam naquilo a que chamavam luxo,

era do dinheiro que havia por trás. Sucumbiam aos sinais de riqueza; amavam a riqueza antes de amar a vida.

As suas primeiras saídas fora do mundo estudantil, as suas primeiras incursões nesse universo das lojas de luxo que em breve se iria tornar a sua Terra Prometida, foram, desse ponto de vista, particularmente reveladoras. O gosto ainda ambíguo, a hesitação demasiado meticulosa, a falta de experiência, o respeito um pouco limitado por aquilo que pensavam ser as normas do verdadeiro bom gosto levaram a que cometessem alguns deslizes e sofressem humilhações. Por um instante, pôde parecer que o modelo de indumentária pelo qual se pautavam Jérôme e os seus amigos era, não o *gentleman* inglês, mas a muito continental caricatura que dele oferece um emigrado de fresca data de recursos modestos. E no dia em que comprou os seus primeiros sapatos britânicos, Jérôme teve o cuidado, depois de os untar durante muito tempo com um pano de lã ligeiramente impregnado em cera de qualidade superior e de lhes aplicar pequenos movimentos concêntricos ao de leve, de os expor ao sol, onde presumivelmente iriam adquirir o mais depressa possível uma pátina excepcional. Infelizmente, estes eram os únicos sapatos que tinha, além de um par de mocassins de cano forte e sola de crepe que ele se recusava obstinadamente a calçar: usou e abusou deles, levou-os por caminhos escalavrados e destruiu-os em pouco menos de sete meses.

Depois, com a idade, graças às experiências acumuladas, verificou-se que ganhavam alguma distância relativamente aos seus fervores mais exacerbados. Souberam esperar e habituar-se. O gosto foi-se-lhes formando pouco a pouco, mais seguro, mais ponderado. Os desejos tiveram tempo de amadurecer; a cobiça tornou-se menos rancorosa. Quando, ao passearem

nas imediações de Paris, paravam nos antiquários de aldeia, já não se precipitavam para os pratos de faiança, para as cadeiras de igreja, para as garrafas de vidro soprado, para os candelabros de cobre. É verdade que, na imagem um pouco estática que eles tinham da casa-modelo, do conforto perfeito, da vida feliz, havia ainda muitas ingenuidades, muitas condescendências; adoravam objectos que só o gosto da época considerava belos: as falsas imagens de Épinal, as gravuras ao estilo inglês, as ágatas, os vidros estirados, as quinquilharias neobárbaras, as bugigangas paracientíficas, que num abrir e fechar de olhos encontravam em todas as fachadas da rue Jacob, da rue Visconti. Ainda sonhavam vir a possuí-los; teriam saciado esta necessidade imediata, evidente, de estarem a par dos tempos, de passarem por conhecedores. Mas esta desmesura mimética tinha cada vez menos importância, e gostavam de pensar que a imagem que tinham da vida se havia desembaraçado pouco a pouco de tudo o que podia ter de agressivo, de falso, por vezes de pueril. Tinham queimado o que haviam adorado: os «espelhos de bruxa», os cepos, os estúpidos pequenos móveis, os radiómetros, os seixos multicolores, os painéis de juta adornados de arabescos ao estilo de Mathieu. Pareciam-lhes que dominavam cada vez mais os seus desejos: sabiam o que queriam; tinham ideias claras. Sabiam o que seria a sua felicidade, a sua liberdade.

E, no entanto, enganavam-se; estavam em vias de se perder. Começavam já a sentir-se arrastados por um caminho de que não conheciam os meandros nem o destino. Chegavam a ter medo. Mas, na maioria das vezes, estavam apenas impacientes: sentiam-se prontos; estavam disponíveis; à espera de viver, à espera de dinheiro.